

Texto 1 Isaias Raw

Corre o mundo uma campanha em defesa do direito dos animais, pregando o fim do seu uso em testes de laboratório. A imagem que se quer passar é a de que os cientistas são indivíduos sádicos, que usam e matam cobaias inocentes. Há até quem descreva os centros de pesquisa como campos de concentração repletos de instrumentos de tortura para animais. Trata-se de uma visão caricatural que contribui para aumentar ainda mais a ignorância e o preconceito das pessoas diante da ciência.

É provável que essa imagem tenha surgido já no tempo em que Pasteur inoculou a saliva de um cão com o vírus da raiva no cérebro de outro cão, sadio, e verificou que ele contraiu a doença. Para fazer essa experiência, Pasteur teve que abrir um orifício no crânio do cão saudável – um procedimento de fato desagradável, tanto para o cão quanto para o espectador. Ele também usou coelhos em seus experimentos e transmitiu a infecção, sucessivamente de um coelho para outro, 25 vezes – até que o agente da raiva no cérebro do último desses animais se tornasse incapaz de transmitir a doença. No dia 6 de julho de 1885, um garoto de 9 anos, chamado Joseph Meister, foi salvo da raiva depois que Pasteur injetou o vírus atenuado da doença no pequeno paciente, tendo início ali a técnica de produção de vacinas que salvaria, no futuro, a vida de milhões de pessoas.

Nenhuma das pesquisas que deram origem às vacinas seria possível sem o uso de animais de laboratório. Até hoje, a vacina contra raiva é testada em ratos para verificar se não restou nela nenhum vírus que possa induzir a doença ou provocar efeitos colaterais. Em apenas uma das etapas da pesquisa com vacinas é possível dispensar o uso de animais, injetando o agente da doença numa cultura de células em vez de aplicá-lo no organismo das cobaias. Essa técnica é mais rápida, eficaz e econômica. Mas, infelizmente, não pode ser usada em todas as etapas da pesquisa. O uso de animais ainda é indispensável para garantir a saúde da população vacinada assim como para preservar a segurança de substâncias que compõem os medicamentos. Diminuir ou mesmo banir irresponsavelmente os testes em animais aumentaria ainda mais os riscos de quem precisa tomar remédios. Sem essas pesquisas, quem se arriscaria a ir à farmácia?

Há 40 000 anos os homens viviam, em média, 28 anos. Hoje vivem mais de 70. Devemos isso às pesquisas que utilizam animais. No momento em que você estiver lendo este artigo, laboratórios acompanham a evolução de doenças hereditárias em ratos para aliviar, no futuro, o sofrimento dos filhos dos pacientes dessas doenças. Apesar dos ataques às pesquisas que usam animais geneticamente modificados, estamos mais próximos de um tratamento para doenças incuráveis, como o Alzheimer, graças ao uso de ratos transgênicos. Quem hesitaria em utilizar animais em pesquisas se pudesse, com isso, aliviar a dor de um familiar portador de uma doença degenerativa e hoje ainda incurável?

Garanto que se os pesquisadores encontrassem outra forma de chegar à cura de doenças eles dispensariam o uso de cobaias. Pesquisas com animais são caras e longas. Em novembro deste ano, na Holanda, será realizada uma das poucas convenções sérias que vão debater alternativas para o uso de animais. Com o imenso título “Avanço da Ciência e Eliminação de Animais de Laboratório para o Desenvolvimento e Controle de Vacinas e Hormônios: Objetivo Realista ou Missão Impossível?”, será analisada a eficácia da tecnologia que poderá, aos poucos, substituir, em alguns casos, o uso de cobaias. Mas essa substituição levará tempo e a ciência não pode ser refém da histeria de grupos fanáticos – pessoas que colhem assinaturas em defesa dos animais usados em laboratório, mas são insensíveis aos seres de sua própria espécie que precisam de ajuda.

Enfim, não é inaceitável que usemos animais para o benefício humano. Inaceitável é ver o homem matar e expor os seus semelhantes ao sofrimento por meio de guerras ou pela ignorância que rejeita os benefícios dos avanços da ciência. É bem provável que os defensores dos direitos dos animais acreditem que é uma arrogância do homem moderno colocar-se no centro do universo – pessoas que, como Pasteur, priorizaram a vida humana diante da vida de outros animais. Para mim, essa arrogância tem outro nome: humanismo.

<https://super.abril.com.br/ciencia/defesa-do-direito-dos-animais-ou-voce-ou-a-cobaia/>

Texto 2

A montilação da traxolina

O estudo da montilação da traxolina é muito importante. A traxolina é um novo tipo de zionte. Ela é montilada nos mitossomos ceristianos. Os mitossomos transformam grandes quantidades de fevônio e o detacham para obter a traxolina. Em relação à montilação da traxolina, os mitossomos se classificam em endógenos e exógenos. A traxolina é dos principais ziontes presentes nos organismos vivos e sua pesquisa terá grande importância no futuro.

Responda às questões utilizando sentenças completas:

1) O que é traxolina?

2) Onde ela é montilada?

3) Como é obtida a traxolina?

4) Por que é importante estudar a traxolina?

5) Qual o significado das palavras:

Zionte =

Montilada =

Detacham =

Fevônio =

Concepções de leitura e suas consequências no ensino

Ezequiel Theodoro da Silva¹

Resumo: Apresenta-se as concepções de leitura comumente encontradas junto a professores de ensino fundamental, destacando as suas relações com as atividades de ensino. Critica-se as concepções redutoras de leitura e, em contrapartida, delinea-se uma concepção de cunho interacionista que pode orientar de forma mais objetiva e coerente o trabalho escolar nessa área.

Palavras-chaves: leitura, ensino, conceitualização.

Abstract: This work presents different definitions of the reading process as usually adopted by primary school teachers, emphasizing their relationships with teaching activities. Partial definitions of reading are analyzed and a new conception based on interactionism is outlined which may objectively guide schoolwork in the reading field. Key words: reading, instruction, reading definitions.

As relações entre o pensamento e a ação ou entre a teoria e a prática são complexas, colocando-se como objetos de reflexão de pensadores de diferentes procedências científicas. Do muito que já se falou sobre essas relações, parece não haver muita dúvida sobre a seguinte afirmação: a maneira pela qual uma pessoa pensa um determinado processo (ler, escrever, participar, comunicar-se com, ensinar, aprender, trabalhar, etc.) influencia diretamente as suas formas de agir quando esse processo for acionado na prática, em situações concretas de vida. As minhas experiências de trabalho junto aos professores brasileiros, principalmente os de 10 grau, permitiram constituir um acervo de concepções de leitura, que apontam para as formas de pensar o "ler" e que orientam a docência nas diferentes séries escolares. Mais especificamente, fazendo aos professores a pergunta "O que é leitura?", consegui arrolar e explicitar um conjunto de concepções que são mais frequentes ou recorrentes e que irrefutavelmente serve como leme para a condução das atividades de leitura em sala de aula. A presente reflexão recupera, analisa e avalia as concepções comuns entre os professores com quem trabalhei nestes últimos 25 anos, mostrando as suas limitações em termos de estruturação de práticas de leitura. Outrossim, como uma contribuição adicional, pretendo descrever um modelo interacionista do processo de leitura, mostrando aspectos mais densos - e muitas vezes desconsiderados - que são ativados no momento em que um sujeito interage com um texto no intuito de produzir sentidos.

Concepções redutoras de leitura

Apresento, nesta parte, as definições redutoras de leitura, conforme emitidas pelos professores de 1º grau. Por "redutora" quero dizer "simplista", ou seja, que despreza elementos fundamentais da leitura, diminuindo a sua complexidade processual. A origem histórica do simplismo teórico em educação e no ensino da língua portuguesa não será aqui analisado, mas arrisco a hipótese de que o seu enraizamento e a sua permanência na organização escolar decorrem da própria estagnação docente e das condições objetivas para a convivência com textos dentro dessa organização. Em outros termos, a pobreza material do contexto escolar no que se refere à ambientação para as práticas de leitura é diretamente proporcional ao empobrecimento de pensamento daqueles que têm por responsabilidade planejar e orientar essas práticas.

Ler é traduzir a escrita em fala

Os adeptos desta concepção reduzem a leitura à ação de oralizar o texto por parte do leitor. Em outros termos, *ler é ler voz alta*, obedecendo as regras de entoação das frases, apresentando boa postura expressiva, formando unidades frasais entre os enunciados orais, obedecendo as pausas de pontuação, etc. Como a

¹ Professor do Departamento de Metodologia de Ensino da Faculdade de Educação - Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP.

atenção docente se volta para a eloquência ou expressividade verbal, os aspectos de compreensão das ideias evocadas pelo texto podem se perder dentro do formalismo do encaminhamento metodológico. Daí o surgimento, na escola, do leitor "papagaio" ou "vitrola", que é sem dúvida capaz de transformar os símbolos escritos em símbolos orais, mas sem nenhuma preparação para compreender as ideias referenciadas pelos textos.

Ler é decodificar mensagens

A comparação dos componentes do processo de leitura (autor/texto/ leitor) com os de um canal de comunicação (emissor/mensagem/receptor ou destinatário) é extremamente problemática à medida em que indica uma passividade do leitor no que se refere à produção de sentidos. Se tal comparação for levada ao extremo, poderá parecer que cabe a esse leitor-destinatário "receber" a mensagem sem muito empenho ou esforço ou, o que é bem pior, sem demonstrar propósitos, posicionamentos, sentimentos, atitudes, etc. Daí, muitas vezes, o total desprezo dos docentes pelo repertório prévio e interesses dos estudantes, o que coloca estes leitores na condição de entidades vazias - de conhecimentos e sentimentos - a quem cabe somente decodificar e "engolir" as mensagens dos múltiplos textos estudados.

Ler é dar respostas a sinais gráficos

Esta concepção está intimamente relacionada à ossatura teórica das teorias de aprendizagem do associacionismo ou behaviorismo em psicologia. O chamado esquema S (estímulo) - R (resposta), oriundo dos experimentos pavlovianos com animais em situação de laboratório, ainda encontra vasta consagração no meio escolar deste país. Neste caso, o texto é o estímulo e a leitura, a resposta. Caso o leitor "acerte" a resposta prevista ou pré-determinada pelo professor (geralmente em azul no manual do professor), então esse aluno será "'reforçado" caso ele erre a resposta prevista, será "punido". Despreza-se aqui quaisquer possibilidades de um mesmo texto permitir diferentes interpretações ou sentidos, mesmo porque uma resposta protocolar, firmada pelo professor, é privilegiada no intuito de permitir correção e controle.

Ler é extrair a ideia central

Esta concepção alça o leitor ao papel de um saca-rolhas ou de um detetor que deve localizar no "complicado mapa" onde está localizada a parte essencial do texto. Em verdade, a ideia de "extrair" faz parecer que existe um trecho que deve ser mais importante do que os outros e que, por isso mesmo, o estudante deve retirá-lo - se possível *ipsis litteris* - para atender ao propósito ditado pelo professor. O fato é que são muitos e múltiplos os tipos de organização textual e nem sempre a ideia principal aparece tão nitidamente colocada numa região específica do texto; por vezes, é necessário aglutinar várias partes no sentido de constituir um sentido mais geral para um documento escrito.

Ler é seguir os passos da lição do livro didático

Com a utilização inocente de livros didáticos, os professores criam um tipo de concepção que nada mais é do que uma fotografia padronizada da sequência dos exercícios contidos na lição. De fato, uma observação mais atenciosa vai mostrar que, na maioria dos casos, a lição de leitura é estruturada a partir do seguinte: (1) leitura do texto (silenciosamente e/ou em voz alta), (2) sublinhamento de palavras desconhecidas, (3) verificação do vocabulário, (4) questionário de compreensão/interpretação, (5) gramática e (6) redação. Essa sequência padrão, utilizada redundantemente no contexto escolar, acaba por produzir uma ideia completamente distorcida e errônea do processo de leitura, fazendo com que o leitor em formação pense que ler é "oralizar o texto, fazer vocabulário, responder perguntas, aprender gramática e depois redigir", invariavelmente!

Ler é apreciar os clássicos!

Não querendo desmerecer os clássicos ou diminuir-lhes o valor, reduzir as diferentes competências de um leitor somente à apreciação dos clássicos da literatura é perder de vista a vasta tipologia de textos que circulam no mundo contemporâneo. O leitor maduro e crítico é aquele que convive com diferentes tipos de textos, inclusive com os de literatura, estabelecendo os propósitos pertinentes para as suas práticas de interlocução. Não há leitor de um texto só e não há leitor de apenas um tipo de texto!

.....

Se tomarmos como objetiva a afirmação de que agimos conforme pensamos, ou então, que praticamos ações conforme as nossas imagens pré-configuradas dos processos, contidas no nosso imaginário, percebemos que estas concepções parciais do processo de leitura podem levar a resultados altamente nefastos para a educação escolarizada dos leitores.

De fato, o apego a uma ou mais dessas concepções pelo coletivo escolar pode produzir leitores "mancos" mesmo porque estarão praticando a leitura, ao longo do seu período de formação, a partir de paradigmas teóricos simplistas, que não levam em conta as múltiplas facetas e a essência do ato de ler.

.....

Uma concepção interacionista de leitura

A discussão e crítica das concepções redutoras de leitura fazem ver a necessidade de buscar elementos que permitam perceber a sua complexidade e, ao mesmo tempo, permitam constituir um embasamento mais denso e abrangente, que possa fundamentar a organização das atividades de ensino. A intenção de adensamento de uma forma de abordar um processo (como o de leitura, por exemplo) é de fundamental importância ao professor, mesmo porque revela o movimento incessante de sua consciência em direção aos resultados alcançados pela pesquisa na área e, mais do que isso, ao seu compromisso com o próprio avanço do conhecimento. Isto posto, gostaria de apresentar alguns aspectos que, no meu ponto de vista, podem sensibilizar as retinas dos professores para a questão do "mistério" da leitura e a "alquimia" subjacente ao processo de formação de leitores. Utilizo esses dois termos para mostrar que, apesar dos avanços da ciência, ainda existem questões a serem elucidadas pelos pesquisadores além disso, nunca é demais lembrar que a leitura é uma prática social e histórica, sofrendo, por isso mesmo, transformações com o passar dos tempos. Hoje, por exemplo, a leitura de textos virtuais, dispostos nas telas dos computadores, impõe novas reflexões e desafios ao ensino aprendizagem da leitura. Um início instigante:

*"Na casa do Padre Perry, o único lugar ocupado era o das estantes de livros. Gradativamente cheguei a compreender que as **marcas sobre as páginas eram palavras na armadilha**. Qualquer um podia decifrar os símbolos e **soltar as palavras aprisionadas, (..) A tinta de impressão enjaulava os pensamentos; eles não podiam fugir, assim como um animal não pode fugir da armadilha**. Quando me dei conta do que isto realmente significava, assaltou-me a mesma sensação e o mesmo espanto que tive quando vi pela primeira vez as luzes brilhantes da cidade do Cairo. Estremeci, com a intensidade de meu desejo de aprender a fazer eu mesmo aquela coisa maravilhosa." (grifos meus)¹*

A linguagem verbal escrita aprisiona as palavras, enjaula os pensamentos, e cabe à leitura soltá-los da armadilha... Esta metáfora do processo de comunicação escrita, além de belíssima, sinaliza a **relação** que se

estabelece entre o leitor e o texto, gerando uma “coisa maravilhosa” que deve ser aprendida de modo a produzir “espantos”. **Ler é sempre uma prática social de interação com signos**, permitindo a produção de sentido (s) através da compreensão-interpretação desses signos. Vale a pena esmiuçar esta concepção no intuito de fazer ver um pouco a sua densidade conceitual e, mais do que isso, a sua diferença em relação às definições redutoras, descritas anteriormente.

Ler é interagir

Significa que o leitor, através do seu repertório prévio de experiências (conceituais, linguísticas, afetivas, atitudinais, etc.), dialoga com um tecido verbal, que, articulando ideias dentro de uma organização específica, possibilita a produção ideacional de determinados referenciais de realidade. Ao longo dessa interação, o sujeito **recria** esses referenciais pela dinamização do seu repertório. Nestes termos, o texto age sobre o leitor e, retrodinamicamente, o leitor age sobre o texto.

Ler é produzir sentido (s)

A riqueza maior de um texto reside na sua capacidade de evocar múltiplos sentidos entre os leitores. Além disso, mesmo que um texto estabeleça limites aos processos de interpretação, quando ele inicia a sua circulação em sociedade, não existe forma de prever que sentido (s) ele terá. Assim, cabe aqui o entendimento de que repertórios diferentes produzirão diferentes sentidos ao texto, a menos que, conforme muitas vezes ocorre na escola, um único significado protocolar seja o privilegiado para efeito de reprodução e avaliação.

Ler é compreender e interpretar

Toda leitura envolve um projeto de compreensão e um **processo** de interpretação. De fato, o **projeto** coloca no horizonte um propósito para o adentramento na leitura, mantendo a dinâmica em termos de espaço e tempo (Leio sempre com uma determinada finalidade, mesmo que seja para passar o tempo). Outrossim, o processo de interpretação demarca a abordagem do texto pelo leitor de modo que a compreensão vá se constituindo ao longo da leitura em si (Leio sempre a partir das lentes paradigmáticas ou teóricas que foram sedimentadas no meu repertório).

Implicações para o ensino

É claro que coloco-me numa posição decididamente contrária às concepções redutoras de leitura dentro do nosso sistema educacional. Isto porque, se radicalmente assumidas, essas concepções podem agirem sentido oposto ao objetivo maior da escola, que é o de produzir leitores que a nossa sociedade necessita. E no meu modo de entender, a sociedade brasileira não está solicitando o leitor ingênuo e reproduzidor de significados, mas sim cidadãos leitores que produzam novos sentidos para a vida social através da criatividade, do posicionamento crítico e da cidadania. A mudança de mentalidade ou das formas de pensar não é uma tarefa mais fáceis, mas, por professara esperança, acredito que todos os seres humanos têm condições de superar visões e comportamentos não-condizentes com o momento histórico. Venho repetindo que a falta de condições de trabalho tem levado os professores brasileiros ao mundo da alienação, quando não do próprio desespero no que se refere às responsabilidades de um magistério de qualidade. Uma mudança de perspectiva sobre as concepções prevaletentes de leitura é urgente, mas deve ser acompanhada de uma série de ações da organização escolar como um todo, entre as quais a discussão coletiva sobre a promoção da leitura a partir do projeto pedagógico da escola e da estruturação ou melhoria do acervo da biblioteca. Além disso, uma reflexão sobre o currículo de leitura ao longo das diferentes séries também se faz necessária para evitar redundâncias e permitir o planejamento de uma sequência mais pedagógica - e menos improvisada - das competências de leitura a serem praticadas junto aos grupos de estudantes ao longo das séries de 1º e 2º graus.

Atualmente, com a explosão das informações e da mídia, a leitura da linguagem verbal é uma competência de fundamental importância para a sobrevivência do cidadão. E a escola é o principal reduto onde as novas gerações podem conseguir o devido preparo para a compreensão dos vários tipos de organização textual, que compõem o mundo da escrita. Além disso, diante das velozes transformações do cotidiano (hoje mundializado), os professores têm que superar o papel de repassador ou transmissor de informações para, através da pesquisa e do estudo constante (eis novamente aqui a leitura exercendo o seu papel), colocar-se em outro patamar de condutas pedagógicas. Uma apreciação carinhosa do poema abaixo pode contribuir nessa busca que nunca termina...

A PALAVRA MÁGICA

Carlos Drummond de Andrade

Certa palavra dorme na sombra
de um livro raro.
Como desencantá-la ?
É a senha da vida
a senha do mundo.
Vou procurá-la.
Vou procurá-la a vida inteira
no mundo todo.
Se tarda o encontro, se não a encontro,
não desanimo, procuro sempre.
Procuro sempre, e a minha procura
ficará sendo
a minha palavra.²

Notas

1. MCLUHAN, Marshall. **O Meio é a Mensagem**. São Paulo, Perspectiva, 1981, p. 278.
2. ANDRADE, Carlos Drummond de. **A Palavra Mágica. Poesia**. Seleção\Luzia de Maria. Rio de Janeiro: Record, 1997, p. 113.

Referências bibliográficas

- CHARTIER, Roger. **A Aventura do Livro. Do Leitor ao Navegador**. Tradução Reginaldo de Moraes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.
- FRAISSE, Emmanuel, POMPOUGNAC, Jean-Claude & POULAIN, Martine. **Representações e Imagens da Leitura**. Tradução Osvaldo Biato. São Paulo: Ática, 1997.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura e Realidade Brasileira**. 5 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.
- ___. **Elementos de Pedagogia da Leitura**. (38 ed.) São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- ___. **O Ato de Ler**. Fundamentos Psicológicos para uma Nova Pedagogia da Leitura. 7. ed. São Paulo: Cortez, 1997.